



Desenho e Cidade

Perspectivas socioculturais das charges sobre o “corre”: Uma imersão no trabalho de Gilmar Machado Barbosa

Sociocultural perspectives of cartoons about “corre”: An immersion in Gilmar Machado Barbosa’s works

Francisco Antônio Zorzo¹
Jamilson Oliveira de Sousa²
Vinícius Andrade Sousa³

Resumo: Os recorrentes desafios enfrentados pelos trabalhadores no mercado de trabalho frente ao desemprego ganham, na contemporaneidade, significativa atenção no meio artístico na forma de crítica e de reivindicação. Este artigo busca enfatizar o trabalho do chargista Gilmar Machado Barbosa destacando sua trajetória e experiência laboral, analisando algumas das suas obras políticas sobre a precarização do trabalho. A pesquisa parte da premissa e da importância sociocultural das charges para luta política trabalhista, além da abordagem psicossocial do trabalho para sinalizar possibilidades de valorização e ressignificação do *corre* popular urbano. A partir de uma revisão bibliográfica e de uma entrevista de cunho qualitativa com o chargista, foram constatados elementos de identidade, de criatividade e de adequação no trabalho autônomo, apesar das dificuldades do ofício. Sobressai a questão da identidade em detrimento de atividades mecanizadas e robotizadas, cujo único objetivo é prover apoio técnico-administrativo, despersonalizando o indivíduo. A charge é elemento fundamental para solidificação desse processo, ao passo que o *corre* pode ser, ao mesmo tempo, ofício do artista, e objeto de trabalho na arte, possibilitando a comunicação com a classe trabalhadora, conscientizando-a sobre temas sumários do mundo do trabalho.

Palavras-chave: Corre. Precarização. *Bullshitjob*. Charge. Autonomia.

Abstract: The current challenges faced by workers in labor Market in the face of unemployment earn, in currently, reducing attention in the artistic world in the form of criticism and claim. This article seeks to emphasize the work of cartoonist Gilmar Machado Barbosa highlighting his trajectory and work experience, analyzing some of his political Works on the precariousness of work. The research departs from the premise and sociocultural importance of the accusations for the labor political struggle, in addition to the psychosocial approach to work to signal few possibilities of valuing and resignifying the urban popular “rush”. From a literature review and a qualitative interview with the cartoonist, identity, creativity and adequacy elements in autonomous work were found, despite the difficulties of the craft. The issue of identity stands out in detriment of mechanized and robotic activities, whose only objective is to provide technical and administrative support, despersonalizing the person. The cartoon is a fundamental element to solidify this process, while the “running” can be, at the same time, an artist’s craft and an object of work in art, enabling communication with the working class, making them aware of summary themes in the world of work.

Keywords: Rush. Precariousness. *Bullshitjob*, Cartoon, Autonomy.

¹ Docente associado da Universidade Federal da Bahia (UFBA). fazfeira@gmail.com

² Discente de Mestrado em Desenho Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) –Bahia, Brasil-2021.1: jamilsonfiks@hotmail.com

³ Discente da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. vinindrde@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As demandas profissionais na atualidade têm migrado conforme o surgimento das novas tecnologias e da própria necessidade de sobrevivência das pessoas. Da mesma forma, o mercado de trabalho tem se tornado instável e há um declínio na manutenção dos direitos trabalhistas em diversos campos de atuação profissional. Após a consolidação e a institucionalização do direito do trabalho com o objetivo de delimitar ferramentas protetivas aos trabalhadores e cidadãos em escala mundial, o trabalhador contemporâneo encontra um cenário de crise e flexibilização, em que as relações contratuais desiguais e os ofícios precarizados se fazem presentes na rotina dos brasileiros.

O avanço notório na construção jurídica do direito do trabalho previsto em instrumentos internacionais de proteção, referente às questões relacionadas a identidade social e a subjetividade do trabalhador, parece ser constantemente questionado com o avanço neoliberal. Apesar de todos os esforços e das significativas consagrações que delimitam e afirmam sobre a possibilidade do trabalho ser fonte de inserção, de reconhecimento, e de afirmação, amplia-se um movimento de globalização com políticas contrárias às consolidações trabalhistas, em que a terceirização, a subcontratação e a precarização se tornam regra. A compreensão de que o trabalho é mecanismo essencial à afirmação de identidades sociais por parte do ser humano, que, só por meio do trabalho, pode se inserir socialmente (DUTRA, 2017), parece perder a devida prioridade nas políticas públicas e privadas.

Essa premissa se revela nas modalidades formais e informais de ofício, em trabalhos precarizados, tais como o *bullshitjob* e o *corre* popular. O atual pensamento econômico orientador de mercado em um discurso de obsolescência dos modelos de contratação, juntamente com a robotização e a mecanização intensiva (DUTRA, 2017), impele uma redução dos postos de trabalho e o desemprego estrutural em massa, atingindo mais de 14 milhões de brasileiros no ano de 2021. Nesse cenário o trabalhador se vê obrigado a “se virar”, e se adequar de acordo as possibilidades laborais, seja na formalidade, seja na informalidade.

É de se perceber, a partir disso, que determinadas áreas que lidam com as demandas da comunicação possuem expressiva possibilidade de promover discussões e ações afirmativas que possam respaldar a luta pela melhoria de condições trabalhistas. A crítica é uma oportunidade para ampliar discussões eminentes do mundo do trabalho, destacando e questionando problemas estruturais; legitimando a luta por direitos e garantias fundamentais; e valorizando atividades estigmatizadas e invisibilizadas, que exalam cultura, subjetividade, e sentidos internos. Com maior frequência atividades artísticas surgem como veículo de

expressão política, dialogando com adultos e jovens de todas as idades, democratizando temas de suma relevância relacionados à precarização.

No Brasil a charge veiculada nos meios de comunicação auxilia a manter a crítica social em alta e a desenvolver competências interpretativas da realidade nos diversos níveis. Gilmar Machado, chargista atuante no Brasil, faz perceber, por meio de entrevista e de análise de duas das suas charges, o quanto este segmento do desenho é importante para a formação instrucional e intelectual da sociedade brasileira, mostrando que a linguagem não verbal é parte essencial do processo comunicativo. O tema sumário e principal desta pesquisa, o *corre* popular do trabalhador informal, acontece, também, por meio dos desenhos das charges revelando elementos subjetivos de sobrevivência, identidade e criatividade na informalidade.

2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO: O CORRE E O BULLSHITJOB

O sentido orientador que permitiu anos de avanços trabalhistas no cenário brasileiro esteve pautado no nivelamento de desigualdades. A proteção, amplamente discutida entre políticos e juristas no âmbito legislativo para decidir a respeito de temas trabalhistas, encara um cenário de flexibilização e desemprego, em que os questionamentos às garantias fundamentais são iminentes. Esse princípio protetivo do Direito, que já não reconhecia por completo todas as classes trabalhadoras (na medida em que o capital possui influência ímpar para com o Estado), é constantemente alterado frente aos avanços neoliberais.

Dito isto, é possível contemplar significativa heterogeneidade das atividades laborais no Brasil, em que as diferentes manifestações e expressões contemporâneas de se fazer o trabalho se expandem com a urgência de produzir e sobreviver.

Para a finalidade desta pesquisa, porém, surpreende a imensidão de sentidos não hegemônicos intrínsecos sobre o trabalho na visão dos próprios trabalhadores, em que a luta por dignidade é uma das pautas centrais. Ao impor os valores identitários da categoria, os indivíduos questionam o desemprego, a carência de instrumentos protetivos, e a baixa em oportunidades de ganhar renda. A pertinência dessa premissa psicossocial diz respeito à viabilidade de analisar a cultura, a subjetividade e as experiências de grupos heterogêneos.

Sabendo disso, a primeira expressão da heterogeneidade das formas de trabalho que sustenta esta pesquisa é intitulada popularmente como “*o corre*”. Surge esta palavra com a precarização, e ganha força e significado no desemprego, representando a correria do indivíduo que enfrenta uma constante insegurança e instabilidade em busca de sustento próprio. O

trabalho não estável, temporário, sem vínculo empregatício comprovado é denominado *corre*, um termo que condensa o sofrimento da “galera” que luta por um lugar ao sol.

Viver no *corre*, porém, pode ser uma oportunidade para criar, desenvolver, e inovar a partir de experiências subjetivas, apesar das dificuldades do ofício, sabendo que, do ponto de vista psicossocial, “a informalidade compreende igualmente uma diversidade de modalidades de interação, sociabilidades, trajetórias laborais, competências, motivações, sentidos e significados” (GOMEZ, 2011, SATO, 2013, SPINK, 2009; apud BENDASSOLLI; COELHO-LIMA, 2015). A atividade é a mediadora para produzir novos sentidos e significados no mundo do trabalho. É por meio dela que existe uma dinâmica subjetiva (que torna possível definir o trabalho a partir das próprias experiências) e objetiva (a forma de produzir a partir das ontologias pessoais). A subjetividade remete à memória do sujeito, os saberes, os aprendizados, as vivências, e os valores intrínsecos que carrega; elementos que se misturam no *corre*, interferindo objetivamente na forma de produzir e de reivindicar.

O *corre* tem sua devida atenção nesta pesquisa na medida em que Gilmar Machado, cartunista entrevistado, assume a correria em sua trajetória laboral. O que se constata na narrativa do artista são elementos psicossociais de consciência individual e coletiva sobre atividades informais. A consciência individual é elemento intrínseco ao *corre*, pois existem diversos sentidos identitários atribuídos ao emprego e ao desemprego, além da existência de uma vasta multiplicidade de formas de lidar com a situação de desemprego, enquanto a consciência coletiva, de maneira complementar, permite a formação de novos significados dignos a partir da comunicação e da vivência em comunidade (SATO, 2013). Inibir tal elemento identitário e social é preocupante pois contradiz princípios protetivos do trabalhador, mas ainda ocorre com frequência em ofícios formais.

Partindo disso, em uma outra perspectiva, há grande insatisfação no ambiente de trabalho formal, ao passo que se intensificam as modalidades de trabalho repetitivas, mecanizadas, desgastantes, e com pouca autonomia. Apesar de uma significativa parcela dos brasileiros estarem em busca de estabilidade no trabalho formal, a impossibilidade de autonomia, as formas espoliativas de contratação e a mecanização da mão de obra são elementos da formalidade laboral no Brasil. Esta via de mão dupla entre estabilidade e precarização faz acontecer novas expressões do trabalho nas diversas modalidades de contratação e de vínculo empregatício.

Este é o *Bullshitjob*, em uma definição criada pelo sociólogo David Graeber (2018), a segunda expressão das formas de trabalho em destaque nesta pesquisa. Sem sentido, sem propósito, alienado e desnecessário: os “*bullshitjobs*” são os trabalhos que podem ser

considerados “trabalhos inúteis”, de questionável necessidade existencial, que surgem com o avanço das novas tecnologias, da substituição de mão de obra, e das reformas políticas flexibilizantes. São formas de emprego em que o trabalhador, mesmo com uma significativa remuneração, não é feliz com suas atividades laborais devido às exaustivas horas de trabalho e intensa mecanização. Em seu estudo, Graeber reúne informações sobre indivíduos descontentes com seus ofícios. Constatou, então, que a maior parte dos trabalhos servem para manter, e não para criar; prover um apoio técnico-administrativo, de acordo com as demandas do empresariado.

Gilmar Machado percebe o *bullshitjob* e confirma sobre problemas nessa modalidade, afirmando sobre sua experiência própria na transição entre o ofício formal, com limitações criativas, para o trabalho de *freelancer*, com maior autonomia criativa. Em sua atividade atual, passa a atuar ativamente através da arte e das charges para questionar o trabalho temporário, o desemprego, o *corre*, e os problemas contratuais e empregatícios. A própria trajetória do autor entre o formal e o informal permite uma fluida comunicação com a classe trabalhadora, visando conscientizar a respeito dos ofícios “*bullshitizados*”, dos problemas da precarização, e da importância da valorização da identidade.

É com essa perspectiva que este artigo passa a destacar a autonomia do trabalhador do *corre*, enfatizando o trabalho do *freelancer*, analisando as possibilidades de perspectivas socioculturais e críticas no trabalho do chargista Gilmar Machado, levando em conta a experiência e trajetória do autor. Destaca-se, a partir daqui, uma primeira análise com base em uma entrevista com o artista, a fim de perceber sua trajetória laboral desde o trabalho formal, até assumir o *corre* como *freelancer*; e uma segunda análise, apresentando duas charges do autor referentes ao *corre* popular, entendendo as possibilidades subjetivas, críticas e socioculturais presentes na arte, bem como a relevância política das charges.

3 AUTONOMIA DO TRABALHADOR DO CORRE E DO FREELANCER: ENTREVISTA COM GILMAR MACHADO

Gilmar Machado, cartunista, aceitou o convite para debater e explanar sobre a importância e a finalidade das suas abordagens críticas sobre o mundo do trabalho em charges. O objetivo primário deste encontro era entender como os desenhos do artista possibilitam discussões sobre o desemprego, o *corre* ou *bico*, e a precarização; qual o público alvo do seu trabalho; e como a experiência artística do profissional permitiu uma comunicação sistemática com a população sobre os problemas do precariado e da política.

Em entrevista, Gilmar Machado, em um primeiro momento, compartilhou sua trajetória, revelando uma aproximação do *corre* em vários momentos.

Iniciou seu trabalho há trinta anos na imprensa sindical do grande ABC Paulista e ao longo do tempo foi sempre se reinventando, como na charge do Corre do Trabalhador (citada mais a baixo), e mesmo com a experiência de carteira assinada, assume que produziu mais em colaboração como autônomo. Não tinha formação acadêmica, mas afirma que construiu uma formação social e artística no trabalho da imprensa sindical. Esse é o momento em que Gilmar passa a elaborar uma consciência trabalhista, no que se refere aos direitos, às políticas, e outras informações sobre o trabalho. Seus desenhos passaram a retratar informações trabalhistas, desenhos esses que eram distribuídos entre outros trabalhadores.

O autor confirma que o trabalho sindical, juntamente com o convívio e a comunicação com outros trabalhadores, permitiu aprendizado e uma consciência individual e coletiva a respeito do valor do trabalho, tal como exemplificado na abordagem psicossocial neste artigo. A discussão sobre sentidos e significados, e conseqüentemente, sobre identidade, refere-se à mediação, pela linguagem, entre consciência e realidade, sujeito e objeto, subjetividade e intersubjetividade (BENDASSOLLI; COELHO-LIMA, 2015), algo evidente na trajetória de Gilmar.

Posteriormente, em um segundo momento, o entrevistado conta sobre os desafios do chargista na atualidade, avaliando as novas tecnologias e a recepção das artes pelo público, em detrimento de novas modalidades de expressões artísticas em redes sociais. Percebe uma nova valorização política da charge hoje, diferentemente do modelo recorrente no passado, em função das redes sociais, com elementos críticos de “contra-poder”, presente na charge praticada pelo artista “das cavernas”. Conforme Gilmar informa, há uma nova valorização da charge política nas redes sociais. A tecnologia no seu trabalho é algo quase inevitável. O chargista diz que a mudança vem e dinamiza o mundo, mas por outro lado, ficamos reféns.

Por último, Gilmar passa a afirmar sua grande opção pelo trabalho autônomo, que ele valoriza até hoje, mesmo sendo agora muito mais reconhecido. O chargista produziu seus trabalhos em diversas áreas, migrando entre vários braços, tais como literatura infantil, charge política, e outros, por estratégia de sobrevivência, transitando entre a formalidade e a informalidade. Aqui, neste momento, é possível perceber traços fundamentais do *corre*, em que o trabalhador precisa “se virar” entre as possibilidades laborais para sobreviver, e ao mesmo tempo se identifica com essa modalidade de trabalho, na medida em que afirma sobre a importância da autonomia em um trabalho artístico. A experiência no trabalho se tornou objeto de análise nas charges, de maneira a conscientizar sobre o fenômeno da correria e da

precarização. Para ele, em resumo, o trabalho de *freelancer* é uma garantia de liberdade de expressão artística.

A criatividade autônoma na informalidade é evidente e essencial para o trabalhador, na medida em que “o artifício do “virar”, do “se virar”, mesmo com “o elogio da mistura e instabilidade, o prazer com a transformação constante do entorno”, exigem do sujeito a invenção de “outros possíveis” ” (PAIS; ALMEIDA, 2012).

Gilmar afirma, hoje, é autônomo por opção, e apesar do recorrente preconceito para com a arte no Brasil, encontra possibilidades com um trabalho criativo, em que o artista precisa estar em constante diálogo com os fatos políticos-sociais, para dialogar com a população, e cumprir um papel sociocultural relevante.

4 LEVANTAMENTO SOBRE O *CORRE* EM CHARGES

O estilo de Gilmar é certamente original. A minúcia dos elementos simbólicos nas suas charges retrata a realidade, em apenas uma imagem, com uma significativa densidade crítica. Os símbolos, presentes em outros dos seus trabalhos, são elementos que funcionam para prender a atenção do leitor e estimular a interpretação.

A charge do Corre do Trabalhador, em primeiro lugar, mostra algo presente no mundo da precarização: o cidadão precisa de vários *corres* para adquirir capital financeiro e prover o sustento da família.

É possível perceber, a título de análise, que Gilmar, com maestria, em sua charge sobre o corre do trabalhador temporário, charge que nos interessa para esta pesquisa, apresenta um trabalhador na correria, com a expressão facial preocupada, saindo de um emprego de características temporárias para outro da mesma modalidade. Essa expressão facial da personagem na charge representa a expressão de muitas pessoas que estão no ofício informal: uma expressão de incerteza, cansaço, e preocupação. O autor enfatiza, dessa forma, uma crítica à lógica de pouca estabilidade do mercado de trabalho, bem como afirma uma crítica a imposição de urgência e de flexibilização do trabalho. Para tanto, surgem as figuras do “Papai Noel” e do “Coelho da Páscoa”, figuras emblemáticas que geram empregos em épocas específicas do ano, havendo contratação, principalmente, de trabalhadores no *corre*, que precisam do trabalho.

Figura 1 - Gilmar Machado - Charge sobre o trabalho informal



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/gilmar/trabalho-informal/>, Gilmar Machado Barbosa, 06/03/2018

Para alguns, “correr” não significa buscar o aclamado sucesso financeiro, mas significa, principalmente, ser rápido, aproveitar as “oportunidades” e firmar a sobrevivência. Sobreviver em uma sociedade de prazos, metas e urgências mercadológicas, demanda criatividade, resistência e, principalmente, correria. É preciso correr, sendo criativo e resiliente, de emprego a emprego, para o sustento diário, devido à incerteza e a instabilidade do ofício. O fenômeno representado na charge revela a existência de um grupo de trabalhadores sem segurança trabalhista, trocando constantemente (ou forçadamente) de ofício. A atividade evidencia, muitas vezes, a prática de tarefas urgentes, em uma rotina alienada, na busca de remuneração para sustento pessoal.

A charge de Gilmar, em poucas palavras, destaca toda essa problemática do trabalho contemporâneo, enfatizando figuras de esperança (Papai Noel e Coelho da Páscoa), que são transformadas em mercadoria. Aliás, poucas coisas não possuem valor de troca na sociedade de mercado, sendo que, mesmo, períodos como páscoa e natal, são períodos propícios para lucrar. A partir daí, surgem essas imagens do Papai Noel e do Coelho da Páscoa, que se tornam, por vezes, o ofício do trabalhador na correria. Enfatiza-se, então, dois trabalhos precarizados, em que o trabalhador incorpora figuras que passam mensagens positivas de paz e união, mas que não parecem ser tão positivas para o trabalhador que exerce o ofício, dada sua instabilidade e pouca protetividade. Tão grande é a instabilidade que, no período entre a Páscoa e o Natal, o trabalhador temporário precisa se virar para sobreviver fazendo outros *corres*.

Em uma segunda análise, certamente dialoga com este trabalho, uma charge que relaciona as formiguinhas com o desemprego. Esta segunda charge enfatiza a demanda em

detrimento da oferta do trabalho, na medida em que a multidão querendo emprego mostra a escassez de trabalho assalariado e bem remunerado.

Figura 2 - Gilmar Machado - Charge sobre Trabalho em falta



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/gilmar/trabalho-em-falta/>, Gilmar Barbosa Machado, 18/08/2018

As certezas de empregabilidade e os direitos trabalhistas adquiridos ao longo dos anos estão cada vez mais em declínio, seja pelas propostas de trabalho intermitente e temporário seja pela pouca oferta de vagas no mercado de trabalho para profissionais em diversas áreas. Nesses aspectos, trava-se uma luta entre a classe operária na busca desses postos de trabalhos, que recaem desde a estrutura dos currículos, passa pela qualificação e findam em questões socioculturais das mais diversas naturezas; e as poucas ofertas de vagas de empregos, que cada vez mais se mostram exigentes e especializadas nos diversos segmentos laborais.

O cenário empresarial atual é desfavorável à promoção de novos postos de trabalho, tanto pela alta tributação sobre produtos e serviços, quanto pelos altos impostos e pouca renda circulando com os consumidores ativos. Conforme observa-se na charge de Gilmar, dada a sensibilidade de interpretação da realidade dos cenários sociais e sua facilidade de representação com o desenho, há uma procura por emprego expressivamente maior que as oportunidades existentes.

5 DIMENSÃO POLÍTICA E SOCIAL NAS CHARGES APRESENTADAS

A charge, conforme informa o cartunista, é uma possibilidade de diálogo direto com a sociedade, nesta modalidade de arte as problemáticas sociais são abordadas, por um lado, com a simplicidade e a dinâmica da comunicação por meio do desenho, e por outro, com uma mensagem de caráter social de extrema relevância. Tratar de questões referentes ao emprego e a renda das famílias brasileiras torna-se algo muito delicado, por conta da importância do tema.

A charge do corre do trabalhador temporário ao mostrar a versatilidade do cidadão/personagem em assumir posturas de correria para garantir a renda e acompanhar as expectativas mercadológicas sendo Papai Noel no natal e Coelho na Páscoa, fortalece o pensamento da charge emprego, na qual existe é simbolizado por uma árvore com apenas uma folha para um número desproporcional de formigas, que em análise simbólica seria os desempregados.

Por ser a charge capaz de dialogar com as várias esferas sociais, é também esta, linguagem artística dentro da técnica do desenho. E como tal técnica, é também, parte de um processo metodológico de aquisição de conhecimento.

Os desenhos presentes nas duas charges apresentadas podem nos permitir fazer leituras sobre diversos aspectos, dentre eles, as questões que envolvem as dimensões sociais e os aspectos que envolvem as possibilidades técnicas de produção. No primeiro caso, trata-se de um autor que desenvolve seu corre em desenho desde os anos 1980, dialogando com trabalhadores formais e informais em diversos segmentos. Levando em consideração no seu processo produtivo estas outras realidades do trabalho precário, entendido por Gilmar, como *freela, freelancer*; prática essa, percebida nesta pesquisa, também como “bico” ou *corre*, no Brasil, e como *Bulshitsjobs* conforme expressão americana citada por Graeber (2018), e no segundo, enquanto processo artísticos e seus métodos de criação.

As charges em questão tiveram suas publicações realizadas na segunda década do século XXI, contudo dialogam com a cultura e com as demandas sociais da atual conjectura em que vivemos, “se por um lado o ato de desenhar atravessa época, lugares e culturas por outro a atitude cultural implícita a quem desenha e ao desenho varia conforme o contexto cultural em que se insere” (RODRIGUES, 2003, p. 24). Gilmar em seu trabalho e vida acompanhou os processos de desenvolvimento da democracia no Brasil, lutas sindicais, aquisição de direitos trabalhistas, conquistas constitucionais e tantos outros acontecimentos que ao longo de sua carreira nortearam seu trabalho e outorga qualidade intelectual e discursiva para tratar de questões sociais, como por exemplo o *corre*, com domínio de causa e destreza no traçar de suas charges.

Tanto as questões estéticas formais quanto a questão simbólica no trato do corre como alternativa de sobrevivência na contemporaneidade nos leva a perceber que em algum momento, a curva crescente no gráfico simbólico da aquisição de direitos e qualidade de vida dos trabalhadores brasileiros, que declinaram, de modo a ser o *corre* uma imediata solução às questões emergenciais na manutenção da sobrevivência da sociedade brasileira, abordar estas questões por meio do desenho é democratizar a crítica social.

As charges possuem a característica de promover a reflexão no instante em que o observador tem contato com a mesma, a sua abordagem literal deixa seus significados mais claros e o seu conteúdo é de fácil entendimento, o que promove uma aceitação mais ampla pelos meios de comunicação e seus leitores, e levando a condição de funcionalismo alfabética de algumas pessoas atualmente no Brasil, muitas correrias, que por razões diversas tiveram que abandonar a educação para a sobrevivência e aquisição de alguma renda, a charge possibilita a democratização do acesso a leituras de realidades e de acesso a arte nos diversos meios de comunicação o qual se veicula por meio do Desenho.

Quando um leitor vê uma charge no jornal, blog, periódico ou qualquer outro veículo de comunicação ele cria uma relação de conteúdo entre o que está sendo apresentado no desenho da charge e sua própria realidade, “ao identificar o que está desenhado, não só reconheço a identidade do que está representado, como reconheço que tem um carácter idêntico ao que se deseja representar”. (RODRIGUES, 2003, p. 27), analisando a informação expressa pelo desenho com a sua própria realidade. O desenho de uma charge é o retrato da sociedade, representando suas causas mais emergentes e muitas vezes pouco discutidas pela hegemonia midiática dos grandes meios de comunicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As charges sobre questões sociais, em especial sobre o *corre*, mostram-se, conforme os dados coletados na pesquisa e na entrevista, que há um poder intrínseco na representação crítica da realidade por meio do desenho, este poder pode compreender aspectos cognitivos variados e contemplar áreas como: política, economia, saúde, e tantos outros segmentos das sociedades, fornecendo interpretações tanto para as classes mais intelectualizadas, que possuem elaborado poder de síntese perceptiva ao ver uma imagem, quanto às classes populares, que em algum momento sofreu ruptura no processo de formação educacional, mas que por meio das charges de Gilmar ganham possibilidade de fazer a leitura de mundo, em especial sobre as questões sociais que envolvem o *corre* na contemporaneidade .

A entrevista de Gilmar veio à esclarecer a dimensão política da charge em sentido amplo, através das informações coletadas pode-se perceber que existe uma tensão forte entre quem procura emprego e quem oferece o emprego, tensão esta que pode ser afetada pelas diversas questões políticas e momentos históricos da economia nacional, e que tanto exige do empregado múltiplas qualificações nas resoluções de problemas, quanto exige dos

empregadores habilidades para a expansão de seus empreendimentos. Para assim possibilitar mais vagas e melhores garantias trabalhistas aos seus colaboradores.

Contudo, a questão, que talvez seja de maior relevância neste artigo consiste no fato de que através das charges a sociedade ganha, pensando em quem a produz: um expoente de crítica social, que permite maior e melhor análise da sociedade acerca das questões que tomam tal sociedade; ganha pensando no material produzido: um documento histórico, capaz de registrar as tensões diversas desta sociedade e capaz de estabelecer um diálogo passado-presente, gerando por meios de deduções algumas probabilidades futuras; e ganha também, pensando em quem consome, quem vê este material: a possibilidade de criar qualidades cognitivas e poder interpretativo, discursivo, e até intelectual na abordagem das questões narradas pelas charges.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLLI, Pedro F.; COELHO-LIMA, Fellipe. Psicologia e trabalho informal: a perspectiva dos processos de significação. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 383-393, Ago. 2015 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000200383&lng=en&nrm=iso.

DUTRA, Renata Queiroz. Formação histórica do direito do trabalho. **Enciclopédia jurídica da PUC-SP**. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (coords.). Tomo: Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. Pedro Paulo Teixeira Manus e Suely Gitelman (coord. de tomo). 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/371/edicao-1/formacao-historica-do-direito-do-trabalho>

GRAEBER, David. *Bullshit jobs: a theory*. New York: Simon & Schuster, 2018.

GRAEBER, David, 'On the Phenomenon of Bullshit Jobs'. In: **Strike! Magazine**. Londres. Agosto de 2013. Acessível em: <https://www.strike.coop/bullshit-jobs>.

MACHADO, Gilmar Roberto. Trabalho em falta. 18/08/2018. Disponível em: <https://www.humorpolitico.com.br/gilmar/trabalho-em-falta/>

MACHADO, Gilmar Roberto. Trabalho Informal. 06/03/2018. Disponível em: <https://www.humorpolitico.com.br/gilmar/trabalho-informal/>

PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org.). Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 293 p. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 417-421, Jun. 2015.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. O que é Desenho. Portugal: **Quimera Editores**. 2003.

SATO, Leni. Recuperando o tempo perdido: a psicologia e o trabalho não regulado. **Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho**, 16(spe1), p. 99-110. 2013. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v16ispe1p99-110>